

so avô paterno, o nosso irmão Aristides de Paula Leão, igualmente emérito trabalhador na difusão das realidades espirituais, que somente nos resta a satisfação de abraçá-lo com todas as forças do coração e repetir-lhe:

— Filho, trabalhemos na Seara de Jesus e que Ele, nosso Mestre e Senhor, nos inspire e abençõe.

Emmanuel

Uberaba, 29 de janeiro de 1988

Era uma tarde chuvosa, logo após o retorno de nossas férias passadas em Mato Grosso, de onde voltei deslumbrada com o verdadeiro “oceano” de soja que lá, e pela maior parte do percurso, pudemos apreciar, quando fui chamada a conhecer os pais de Lineuzinho.

Mais uma dessas “coincidências” que sempre nos ocorrem e nos confirmam a lei da harmonia da vida! Um casal entusiasmado com as experiências vividas após o desencarne de seu filho, e repletos de planos de trabalho, seguindo a orientação dele, para o futuro.

Este jovem afirma e torna a afirmar a im-

portância do cultivo da soja para minimizar as dificuldades de alimentação contemporâneas e do futuro, quando este rico vegetal será utilizado através de recursos ainda mais desenvolvidos.

Para a maioria dos pais, seus filhos são sempre portadores de excelentes qualidades morais. Mas, repetir isto, no caso de Lineu Jr., não é suficiente. É preciso que se ilustre uma afirmativa que poderá parecer ôca, relatando alguns dos fatos contados por seus pais com tanto carinho e empolgação naquela tarde.

Quando pequeno, teve cachorros, pássaros, carneiros, gatos, tartarugas, etc. como muitas crianças; porém se a mãe adquirisse um frango caipira vivo, ele se tornava galão pois Junior não permitia a sua morte.

Certa vez, conta Dona Elza, trouxeram da fazenda para a residência em São Paulo um carneiro que seria sacrificado no Natal próximo. O animal acabou sendo criado no jardim pois Junior não deixava matá-lo.

Contaram-nos que Junior era alto, magro, um tanto desengonçado, incapaz de vestir-se para mostrar o que não era, e nem

mesmo aquilo que era.

Constantemente Dona Elza pedia que substituisse uma camisa, colocasse uma cinta ou trocasse os sapatos. Quando não estava com pressa, obedecia sorrindo:

— Ora “muié”, está bom assim, não estou vestido e calçado?

Não raro, vindo da fazenda, tomava banho, trocava roupas limpas e calçava os sapatos sujos com os quais acabara de chegar. Outras vezes, vindo da cidade, chegava à fazenda e começava a trabalhar, esquecendo-se de trocar os sapatos de cromo pela botas de serviço.

“Certa feita, diz o pai, cheguei em sua propriedade agrícola e fui encontrá-lo acompanhando a colheita de soja em cima de uma colheitadeira, sujo, alegre, risonho e... portanto um relógio Rolex caríssimo que lhe havíamos oferecido anos antes.”

Lineu Jr. recebia de seus pais uma mesa da atualizada para manter-se em Belo Horizonte durante o período de faculdade. Porém, sempre que vinha para casa, nas férias, estava magro e com as roupas poídas pelo uso. Sua mãe comprava-lhe novas indumen-

tárias e o pai reclamava, achando que se alimentava mal.

Como será que ele gastaria sua mesada para estar tão magro e mal vestido?

Bem, uns seis meses após o desencarne, eles o descobriram.

Por três vezes um jovem havia procurando Dr. Lineu em sua residência de Campo Grande, porém não o encontrara nem deixou nome e endereço, afirmava ser colega de faculdade de Junior e queria estar pessoalmente com seu pai.

Afinal, quando encontraram-se, ele explicou: formara-se na mesma turma de Lineuzinho, e residia agora em uma cidade do interior, exercendo sua profissão com sucesso. Procurou Dr. Lineu não só para conhecê-lo como para pagar uma dívida que contraíra com Junior.

"- Seu filho, disse o jovem a Dr. Lineu" era homem de extrema bondade. No último semestre da faculdade perdi meu avô, que ajudava a me sustentar. Eu trabalhava de manhã, frequentava a faculdade à tarde e estudava à noite na pensão. Com a perda de meu avô, vi-me obrigado a parar os estudos,

pois o que ganhava não dava para todas as despesas, Resolvi trancar a matrícula e trabalhar o dia todo, a fim de capitalizar-me e terminar o curso no semestre seguinte. Estava triste, pensando se não haveria outra solução, quando seu filho chegou perto de mim e, com seu eterno sorriso, perguntou:

— Problemas? Quem sabe posso ajudar?

Confiei nele e contei-lhe meu drama. Ele ficou sério alguns instantes mas, logo depois, sorrindo novamente, disse:

— Ora, não seria o fim do mundo você terminar o curso no próximo semestre e não neste. Mas, quem sabe? Apertemos os cintos e eu poderei emprestar-lhe um pouco de minha mesada. Mais tarde você me paga.

Assim fez nos cinco meses seguintes. Ao término do curso, com emprego já assegurado, perguntei-lhe quanto haveria de lhe pagar, se iria cobrar juros, etc. Ele sorriu, bateu-me nas costas e disse:

— Amigo, tudo é fato passado. Esqueça. Vá em frente, pois sei que você está de casamento marcado."

De outra vez, conversando com uma se-

nhora, esposa de um oficial do exército, e sua filha, que conheceram Lineu Jr. e vieram demonstrar solidariedade pela dor vivida, o assunto encaminhou-se para a possível vingança que poderiam executar contra o motorista do FNM. Dr. Lineu confessou que este era um sentimento que procurava expelir, mas sempre retornava, acenando com o corpo carbonizado de seu filho. Só o tempo e as preces e, principalmente, a compreensão dos fatos foram dissolvendo os sentimentos de ódio e vingança.

Naquele momento porém, em que a senhora falava em vingança, sentiu que maus pensamentos afluiam ao cérebro. À jovem, que pouco dissera até então, observou:

— Se Junior saiu ao pai, não creio que o senhor tomará qualquer providência de vingança. Ele era bom demais para se deixar dominar por um sentimento deste tipo...

Os empregados tinham-no como patrão, mas não o temiam. Eram seus amigos.

Certa ocasião, ao chegar em uma de suas fazendas, o capataz explicou que Junior estava na vila próxima, resolvendo certos assuntos e, sentindo a pressa de seu pai, disse:

— Se houver pressa, não carece o senhor ficar. Junior resolve tudo...

Na verdade, Dr. Lineu sentiu que eles preferiam trabalhar o quanto se fizesse necessário para que tudo corresse bem a fim de que a administração de seu filho não pudesse sofrer críticas.

Quando do preparo da terra para o plantio de soja, em que o atraso pode significar uma má colheita, um dos tratoristas sentiu-se mal, na hora do revezamento. À meia-noite Junior foi acordado pela voz alta do capataz que achava que o cronograma não poderia ser alterado pelo mal estar de um tratorista. Lineu Jr. levantou-se, colocou-se a par da situação, mandou o empregado repousar sem colocar em dúvida sua palavra, tomou a direção do trator e acompanhou os demais trabalhadores para a lavoura.

Até hoje, todos aqueles que com ele trabalharam naquela noite lembram-se da figura magra do patrão, dirigindo um trator pela noite adentro, com a poeira envolvendo-os a todos, enquanto a madrugada lançava suas luzes cinzentas no alvorecer. Seu gesto encerrou a discussão sem ninguém sen-

tir-se ofendido, fez com que o serviço não se atrazasse e impôs a todos a marca generosa de sua personalidade.

Ele organizou o time de futebol dos servidores. Forneceu camisas, bolas, mandou construir o campo e, o mais importante (Dr. Lineu pasmou!) substituia algum jogador caso isto fosse necessário. Logo ele, que nunca jogara ou apreciara futebol!

Junior era apaixonado, além da leitura e da música, por motos e carros. Aos 14 anos, fez uma aposta com seu pai a respeito de suas notas no ginásio. O pai achou que seria impossível a vitória do filho pois só faltavam 2 meses para o final do ano letivo. Mas foi assim que ele ganhou sua primeira moto.

Junior cresceu e a moto tornou-se pequena demais para suas longas pernas; porém seu pai sempre o desestimulava em adquirir outra. Até que, dois meses antes de seu acidente, decidiu-se por comprá-la.

Veio a São Paulo, comprou-a e nela saiu em viagem, para tormento maior de seus pais, que, nos últimos tempos, sentiam forte angustia. Telefonaram para cada localidade em que Lineuzinho esteve, após sua passagem,

para certificarem-se de que tudo ia bem.

De São Paulo, visitou amigos pelo interior de Minas, foi a Viçosa visitar a namorada, passou por Belo Horizonte e foi à casa da avó, em Ituverava. De lá, na quarta feira, telefonou ao pai para combinarem o dia em que comemorariam seu 27º aniversário. A data seria na sexta-feira mas a festa seria no sábado. Disse ao pai pelo telefone:

— Muito perigoso, papai, não creio que faça novas viagens em moto. Experimentei e não gostei devido ao menosprezo dos motociclistas para com os motoqueiros. O senhor tinha razão, moto só para espalhafatar de vez em quando.

Colocou a moto na trazeira de sua Pampa e seguiu na manhã seguinte para Campo Grande. No dia seguinte, sexta-feira, antes de sair para ir ao banco, despediu-se da mãe, dizendo:

— Papai virá hoje para meu aniversário.

Não era isto que Dona Elza havia entendido, a festa seria no dia seguinte e resolveu então não acompanhá-lo ao banco, para fazer um almoço adequado à data. Ocorreu então o acidente fatal.

O carinho com que Lineuzinho envolve seus pais e demais familiares continua se fazendo presente, quer seja em sonho, quer seja "marcando presença", movimentando seu aparelho de barbear que ficara na fazenda para que sua mãe tivesse confirmadas as sensações de sua presença, ou mudando o canal de televisão, que seu pai estava assistindo, para um programa de rock. Música que seu pai quase nunca ouve mas ele, sempre que podia, ouvia.

Suas mensagens, esclarecendo dúvidas de seus familiares, trazem certeza e ensinamentos para muitos, como no caso de sua querida avó Joana, que sempre tivera muito medo de morrer e agora encontra-se plenamente confiante de que a vida é sempre vida, seja aqui, como nós, no plano físico a conhecemos, ou no além, comumente chamado de reino dos mortos.

Na certeza de que este é mais um Novo Companheiro a caminho da luz, despeço-me carinhosamente,

*Beatrix Galves
São Paulo, fevereiro de 1988*

O ACIDENTE

Na manhã de 12 de julho de 1985, quando completava 27 anos de idade, o engenheiro Lineu de Paula Leão Junior, que na véspera havia dirigido sua camionete por 860 quilômetros, viajando de Ituverava (SP) a Campo Grande (MS), dirigia-se para o centro comercial desta última cidade, através de sua avenida principal (com duas vias de tráfego e largo canteiro central) quando, em um dos seus principais cruzamentos, com o carro parado, aguardando o sinal verde, acabou sendo alboroadado pela trazeira por um velho caminhão FNM. Este, desde que havia entrado na avenida, estava sem o funcionamento do cardã (a cruzeta não foi achada), o que demonstra o precário estado de sua conservação. Sem também a corrente obrigatória que seguraria o eixo do cardã, esta peça começou a bater no asfalto e a ricotear, de tal modo que inutilizou os canos dos freios e deu início às primeiras fagulhas de incêndio.